

DF - Saúde

Médicos radicalizam movimento

Roriz não obtém recursos para melhorar proposta e os profissionais insistem com ameaça de demissão coletiva

MARCO TÚLIO ALENCAR

Os médicos da Fundação Hospitalar do Distrito Federal, em greve há quase 30 dias, e o Governo do Distrito Federal não conseguiram chegar a um acordo para pôr fim à paralisação. Ontem, o governador Joaquim Roriz informou ao sindicato da categoria que "não há possibilidade de avançar um centavo" na proposta que eleva o piso dos médicos para Cr\$ 4,6 milhões. O ministro do Planejamento, Paulo Haddad, disse ontem a Roriz que o Governo Federal não pode repassar mais recursos para esta área. Os médicos ameaçam com demissão coletiva a partir de amanhã.

Roriz convidou os sindicalistas ontem ao Palácio do Buriti para reafirmar a proposta feita anteriormente. Os médicos esperavam receber uma contraproposta a que apresentaram elevando o piso salarial para Cr\$ 7,8 milhões. Diante da informação de que não existem meios orçamentários e financeiros para elevar o salário acima da proposta do GDF, a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição (Maninha), declarou: "Com esta proposta não há acordo".

Os médicos se reunirão em assembléia geral hoje, às 19h00, para dar encaminhamento à paralisação e ao processo de demissão coletiva. Maninha acredita que a metade dos 2 mil 780 médicos da fundação deverão assinar os seus pedidos de demissão. O governador argumentou que este confronto está prejudicando a população do Distrito Federal. Roriz fez um apelo para que a categoria retorne ao trabalho, já que

existe a garantia do ministro do Planejamento de que será possível um reestudo da situação salarial dos médicos do DF em janeiro próximo. "Estamos a menos de 40 dias do prazo dado pelo ministro", afirmou.

Os sindicalistas tentaram ainda algum tipo de avanço na proposta do governo com a concessão de uma gratificação por atividade (80%), a partir de 1º de novembro, ou o remanejamento dos profissionais dentro da atual tabela salarial. O GDF explicou que qualquer melhoria salarial tem de levar em conta o repasse orçamentário e financeiro já previsto — Cr\$ 430 bilhões, para o pagamento dos salários nos meses de novembro e dezembro, e da segunda parcela do 13º salário. Esses recursos são suficientes apenas para o pagamento da nova tabela proposta pelo GDF, com 70% de aumento.

Roriz observou que os profissionais da área de saúde estavam criando uma oposição gravíssima ao GDF. "A argumentação é de que estamos construindo o metrô e não há recursos para pagar os médicos. Todos sabem, entretanto, que os recursos do metrô vêm por financiamento", disse. O secretário de Saúde, Jofran Frejat, destacou que é necessário um esforço conjunto para "salvar o único serviço de saúde verdadeiramente público do País que deu certo". No Distrito Federal, não existem convênios entre a rede pública e rede privada. Apesar dos pedidos de ponderação aos sindicalistas, a posição deles é de que a greve irá prosseguir "até que algum governo, qualquer que seja ele, apresente uma solução".

Paulo Cabral



Geraldo Júnior responsabiliza uma médica residente pelas complicações pós-operatórias

241